



## A vertigem do querer de um colecionador voraz: entrevista com Sérgio Carvalho

## The vertigo of the will of a voracious collector: an interview with Sérgio Carvalho

Bianca Tinoco  
João Angelini

### Como citar:

TINOCO, B.; ANGELINI, J. A vertigem do querer de um colecionador voraz: entrevista com Sérgio Carvalho. *MODOS. Revista de História da Arte*. Campinas, v. 2, n.3, p.261-272, set. 2018. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/1868>>; DOI: <<https://doi.org/10.24978/mod.v2i3.1868>>.

Imagem: Sérgio Carvalho (esq.) e João Angelini na sala do colecionador, onde ele alia as paixões pela música instrumental e pelas artes visuais. Ao fundo, entre outras obras da coleção, instalação de Eduardo Frota, no teto, e tela de Sandra Cinto na parede à direita. Foto: Bianca Tinoco.

## A vertigem do querer de um colecionador voraz: entrevista com Sérgio Carvalho

The vertigo of the will of a voracious collector: an interview with Sérgio Carvalho

Ms. Bianca Tinoco\*  
João Angelini\*\*

### Resumo

Um dos principais colecionadores particulares da produção artística dos anos 2000 e 2010 no Brasil, o advogado e músico Sérgio Carvalho conta sobre seus critérios para seleção de obras, o diálogo que mantém com artistas e curadoras para o aprimoramento de suas escolhas e as exposições realizadas com base em seu acervo – com destaque para *Contraponto*, apresentada de 17 de novembro de 2017 a 29 de abril de 2018 no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, em Brasília. Proprietário de duas performances, o colecionador relata detalhes sobre a compra e os desafios para estabelecer os termos do contrato. Carvalho aborda ainda o processo de institucionalização de sua coleção e o desejo de exibi-la permanentemente ao público, em local a ser definido.

### Palavras-chave

Colecionismo de arte; arte contemporânea; arte brasileira; Sérgio Carvalho.

### Abstract

One of the main private collectors of Brazilian artistic production of the years 2000 and 2010, the lawyer and musician Sérgio Carvalho tells us about his criteria for selecting artworks, the dialogue he maintains with artists and women curators to improve his choices and the exhibitions based on his collection – especially *Contraponto*, presented from November 17, 2017 to April 29, 2018 at the Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, in Brasília. Owner of two performance artworks, Carvalho talks about the purchases and the challenges to establish the terms of the contract. He also addresses the process of institutionalizing his collection and the desire to display it permanently, in a place to be defined.

### Keywords

Art collecting; contemporary art; Brazilian art; Sérgio Carvalho.

*Vou andar, vou voar pra ver o mundo  
Nem que eu bebesse o mar  
Encheria o que eu tenho de fundo.*

O compositor Djavan condensa, nos versos de *Seduzir* (1981)<sup>1</sup>, a insaciedade daqueles que absorvem o que admiram. Encher, por coincidência, é um dos verbos mais pronunciados por Sérgio Carvalho<sup>2</sup> acerca de sua coleção de arte contemporânea, localizada em Brasília/DF, com aproximadamente 2.000 obras de mais de 180 artistas brasileiros. “Encher os olhos”, repete o advogado curitibano, como se o encontro de encantamento com um trabalho em um ateliê, rascunhado em um caderno ou exibido em uma exposição fosse capaz de, momentaneamente, satisfazer uma ânsia que, ao fim e ao cabo, acaba alargada por mais uma aquisição.

O impulso de “ver o mundo”, ainda tomando os versos de Djavan, conduz Sérgio Carvalho à investigação da produção contemporânea em variados pontos do Brasil, sem restrição a eixos econômicos e culturais. Tomado nessa expansão, o país de fato se torna um planeta: ao estabelecer o recorte geográfico (seja por preferências estéticas ou porque se recusa a passar mais de quatro horas em um avião), Carvalho amplia os horizontes dados pelo mercado em feiras e galerias e visita artistas em Belém/PA, João Pessoa/PB, Maceió/AL, Goiânia/GO, Uberaba/MG e na Serra do Cipó/MG, além daqueles sediados em Brasília – com os quais, pela proximidade, estabelece um diálogo frequente em noites de conversa informal em sua casa no Lago Sul, bairro de classe alta na capital federal.

A casa em questão é ampla para os amigos, mas pequena para a coleção, que é conservada também em duas reservas técnicas e em residências de 12 parentes e amigos. Um dos motivos para a pulverização é o tamanho das instalações e esculturas em voga nos últimos anos, conta o colecionador. Contingência da meta que ele mesmo estabeleceu, de consolidar uma amostra significativa da arte produzida no Brasil a partir da década de 2000, inclusive apostando em nomes em começo de carreira e em gêneros pouco convencionais para um acervo particular, como a performance. A coragem para iniciar um acervo nesses moldes veio depois da visita, ao lado do artista Nazareno, à coleção do fotógrafo e diplomata Joaquim Paiva. O projeto de Carvalho é frequentemente tratado como ambicioso e que poderia ser classificado como de risco, caso houvesse a intenção de aferir ganhos financeiros – o que, frisa o colecionador, não é o caso. Ele reforça que, depois de vender 30 gravuras de Oswald Goeldi para se dedicar à arte contemporânea, nunca se desfez de um trabalho. Arrepende-se de duas compras apenas.

Tal autoconfiança demonstra que os olhos não se enchem com tudo o que observam. Carvalho tende a escolher trabalhos impactantes e com certa dose de humor ou ironia. Rejeita os que lembrem decoração – característica que, algumas vezes, gera conflito entre o colecionador e a esposa dele, a poeta Denise Cruz. Pianista e produtor de álbuns de música instrumental, ele demanda um contato mais próximo com os criadores, geralmente no ateliê, para se inteirar sobre as questões em jogo na produção: “(...) tal como no universo musical, percebi a importância de se conhecer o artista: seu modo de agir e pensar, seu comprometimento com o próprio universo criativo, seus desafios e ambições”

(*apud* Arruda, 2018, p. 15). Desde as primeiras aproximações com criadores, o afeto tornou-se ponto chave na prática de colecionamento. Ele conta nos dedos de uma mão aqueles que não chegou a conhecer (apenas um, Farnese de Andrade, morto em 1996) ou com os quais não estabeleceu afinidade a ponto de trocar números de telefone.

Uma vez decidido, Carvalho tem por hábito comprar uma quantidade significativa de obras de um mesmo autor, retornando e atualizando o acervo de tempos em tempos. Por vezes, adquire séries inteiras ou promessas de criação que ainda estão em fase de rascunho, no papel ou na cabeça do artista. O zelo e a concentração em percursos poéticos justificam a ausência, na coleção, de alguns expoentes da arte contemporânea brasileira valorizados pelo mercado – para ele, conseguir apenas uma obra não basta e faltam recursos para um conjunto que considere adequado.

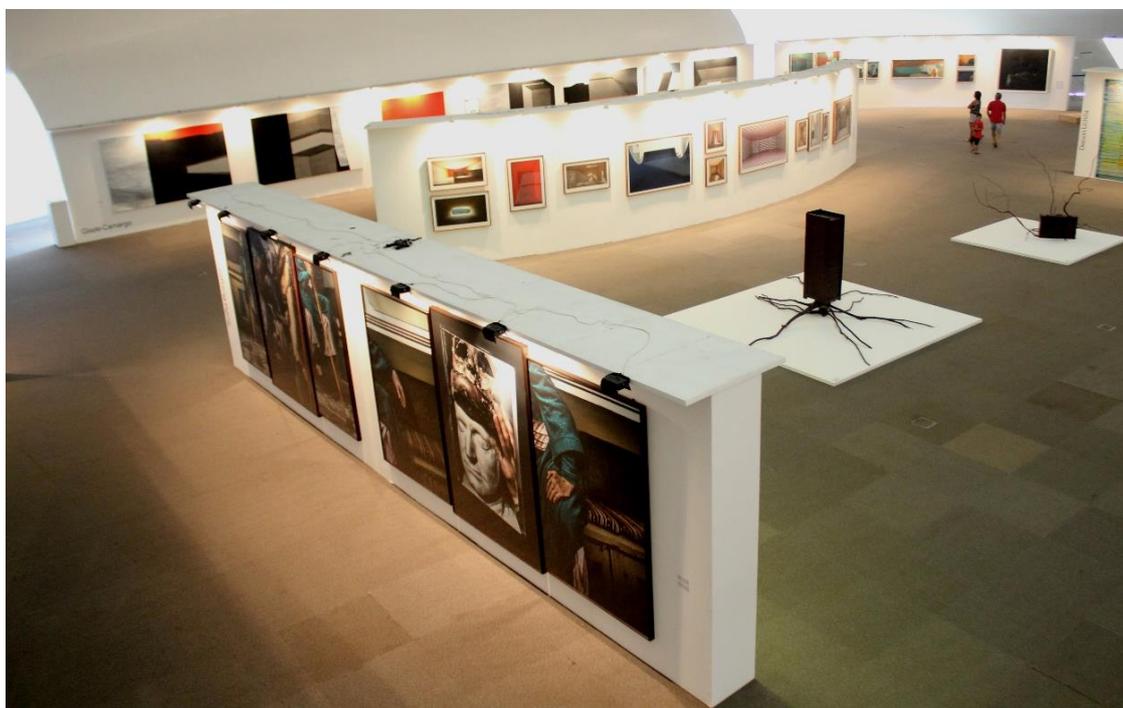


Fig.1. Exposição *Contraponto*, Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, Brasília/DF. Foto: Bianca Tinoco.

Essa particularidade permitiu à curadora Tereza de Arruda apresentar o que ela chamou de “coletiva de individuais” na exposição *Contraponto*, dedicada à coleção e exibida entre 17 de novembro de 2017 e 29 de abril de 2018 no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, em Brasília [fig. 1]. Com 430 obras de 34 artistas e coletivos<sup>3</sup> – uma média de 12 trabalhos por autor ou grupo –, a mostra permitiu visualizar tanto a coerência em trajetórias individuais quanto os cruzamentos e as referências entre representantes de três gerações.

É curioso observar que somente curadoras propuseram seus recortes à coleção de Carvalho até o momento. Antes de Arruda, Denise Mattar apresentou o acervo duas vezes, em *Duplo Olhar – Um*

recorte da Coleção Sérgio Camargo, no Paço das Artes – USP (2014), e em *Cantata*, no Centro Cultural Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte (2016). A relação de Carvalho e Denise Mattar data de 2002, quando ela fez a curadoria, na rede de centros culturais Banco do Brasil, da exposição *Poesia da Gambiarra* de Emmanuel Nassar, um dos grandes amigos do colecionador desde pouco antes da abertura da mostra em Brasília. Marília Panitz, Marisa Mokarzel e Polyanna Morgana compartilharam a curadoria da coletiva *Vértice*, realizada no Museu Nacional dos Correios, em Brasília, e nos Centros Culturais dos Correios no Rio de Janeiro e em São Paulo (2015/2016).

Na última, *Contraponto*, transpareceu o apreço do colecionador pela ousadia, a ponto de a mostra ter se tornado um alvo para grupos de cristãos, em tempos de sensibilidade aflorada quanto à arte contemporânea<sup>4</sup>. Duas obras de Nelson Leirner, da série *Bala Perdida* – em que adesivos com imagens de Jesus e Maria são justapostos a balas de revolver – foram confundidas com criações de Antônio Obá, cuja performance *Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo* (em que o artista, nu, rala uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e posteriormente joga o pó sobre o próprio corpo) foi tomada como uma afronta por grupos religiosos, desde sua primeira apresentação em 2015. Os dois trabalhos de Leirner, expostos na noite de abertura da coletiva, foram retirados do ambiente expositivo antes do expediente no museu no dia seguinte. Ainda assim, a breve aparição deles e a inclusão de desenhos de Obá motivaram uma petição online pelo fechamento da mostra, com mais de 10 mil assinaturas<sup>5</sup>, e uma manifestação na noite de 18 de novembro de 2017, quando 200 católicos se reuniram em frente ao Museu Nacional e fizeram orações. A direção do museu defendeu a continuidade da exposição e a movimentação dos fiéis arrefeceu nos dias subsequentes.

Na entrevista a seguir<sup>6</sup>, Sérgio Carvalho conta sobre suas preferências, convicções e o sonho de vir a sediar o acervo em um espaço aberto ao público. Amigo de longa data do colecionador, João Angelini participa ora como entrevistador, ora como entrevistado, descortinando aspectos das escolhas de Carvalho e da experiência compartilhada na negociação das duas performances do Grupo EmpreZa<sup>7</sup>.



Figs. 2 e 3. Grupo EmpreZa apresenta a performance *Maleducação*, obra da Coleção Sérgio Carvalho, na abertura da exposição *Contraponto*. Fotos: Bianca Tinoco.

Bianca Tinoco: **É muito conhecida sua proximidade com os artistas cujas obras coleciona. Como as amizades transparecem como uma liga imaterial entre os trabalhos da exposição *Contraponto*?**

**Sérgio Carvalho:** A amizade é uma liga que estabeleço com todos os artistas, uma afinidade que já se mostra no primeiro contato. A admiração vai se tornando recíproca, não sou só eu que os admiro. Os artistas também gostam de mim, me respeitam por esse modo de colecionar, talvez por eu tentar fazer um conjunto significativo das obras de cada um deles. Especificamente com relação à exposição, esse elo imaterial é entre cada um deles.

**João Angelini:** Essa amizade com o Sérgio existe, assim como carinho, envolvimento, reconhecimento, respeito. Mas talvez ele não tenha percebido que há algo além, relativo à coleção. Falando por mim e por vários artistas que estão nela, pensamos em fazer parte dessa história. Há trabalhos que, muitas vezes, não desejamos colocar em outro canto. E não é pelo Sérgio, é algo que transcende a pessoa dele: é pela coleção.

**Sérgio Carvalho:** Talvez isso decorra do fato de que, depois que resolvi encarar, assumi esse desafio de deixar um legado da produção brasileira dos anos 2000 para cá. Desde o início, quando comecei a colecionar, jamais houve a intenção de especular. Eu não vendo nada, não estou nessa para ganhar dinheiro. Comecei a colecionar em 2002. Tenho peças anteriores a essa data porque encontrei a oportunidade, me deparei com obras de artistas que estão na coleção e que me encheram os olhos, mesmo sendo anteriores a 2000. Essa possibilidade de traçar um percurso da caminhada do artista me atrai muito.

Bianca Tinoco: **Cinco curadoras já montaram exposições coletivas a partir da sua coleção. Como foi o contato e a parceria com elas?**

**Sérgio Carvalho:** A coleção está na minha casa e em 12 lugares de Brasília – casa de amigos, meus irmãos. Porque essa rapaziada [os artistas], eles só fazem coisas gigantescas. Então as curadoras vieram a minha casa e fizeram uma imersão. Mostro tudo o que eu tenho. Já duas ou três vezes, ficamos em torno de 24 horas assistindo a vídeos, por exemplo. E depois elas decidem, por mim está tudo certo.

Bianca Tinoco: **Fez algum pedido para as curadoras quanto à escolha das obras?**

**Sérgio Carvalho:** Sim: que elas não repetissem obras da exposição anterior. Para que repetir, se há tantas?

Bianca Tinoco: **Sobre o protesto religioso pelo fechamento da mostra *Contraponto*, em 18 de novembro de 2017, qual foi sua posição, como colecionador, em relação às obras?**

**Sérgio Carvalho:** Primeiro, não entendi nada. Não via nada ali que fosse agressivo ou desrespeitoso à religião católica. Depois fiquei preocupado, porque eles mandaram um *whatsapp* instigando os católicos a ingressar na exposição e destruir as obras profanadoras. Quem são eles para falar o que é profano ou não? Chegaram a fazer abaixo-assinado virtual que conseguiu mais de 7 mil assinaturas pedindo o fechamento da exposição. Mas então eles resolveram rezar. Devem ter abençoado tudo lá, depois disso mais de 110 mil pessoas foram visitar. Mas deu preocupação, foi meio chato. O fim de semana da inauguração foi bem tenso. Mas depois foi perdendo força, eles viram que não era nada disso.

Bianca Tinoco: **Você acha que a exposição sofreu alguma reação por conta do que aconteceu anteriormente com a mostra Queermuseu e com a performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, em São Paulo?**

**Sérgio Carvalho:** Esse pessoal gosta de aparecer. Não sei se tinha um fundo político-eleitoral. Me falaram que o líder desse movimento [em Brasília] tinha sido um candidato derrotado a deputado distrital, talvez ele quisesse ter algum tipo de projeção.

**João Angelini:** Eu entendo que faz parte do cenário atual. Se essa galera não estivesse empoderada, talvez não tivessem se ofendido tanto, até porque não havia motivo de ofensa. Segundo, não teria tido essa mobilização de caça às bruxas.

Bianca Tinoco: **Como começou seu interesse pela arte contemporânea?**

**Sérgio Carvalho:** No final de 1999, eu conheci o Zivé Giudice, artista baiano que estava radicado aqui em Brasília. Eu ia direto ao ateliê dele e a gente conversava. Comprei algumas obras dele, isso foi o início de tudo. E ele falava: “Rapaz, você tem que conhecer Goeldi, é maravilhoso”. Comecei a pesquisar Goeldi e realmente gostei muito. Cheguei a ter vários Goeldis, vários mesmo. Mas no finalzinho de 2002, aqui em Brasília, conheci de uma vez só José Rufino, Nazareno e Eduardo Frota, de Fortaleza. Nessa época, eu já tinha adquirido algumas coisas. Já conhecia a Valéria Pena-Costa e, através dela, comprei algumas obras do Nazareno. Aí o Nazareno estava aqui em Brasília e disse que o Eduardo Frota e o José Rufino estavam na cidade. Quando eu vi os trabalhos deles, fiquei encantado. Falei: “Só quero colecionar arte contemporânea, quero conhecer os artistas, quero ser *brother* dessa galera”. E decidi que só queria arte contemporânea, de 2000 em diante. Eu já tinha conhecido Emmanuel Nassar e falei para ele que ia me desfazer dos Goeldis. Ele aconselhou: “mantenha pelo menos três, porque Goeldi é muito importante na história da arte brasileira”. Mas eu queria vender tudo, então Nassar me indicou um colecionador de São Paulo, um médico. Ele veio aqui em casa, apontava para as paredes em que as obras estavam penduradas e dizia “é meu”, “é meu”, “é meu”, “é meu”. Daí ele me perguntou quanto era, eu disse “x” e ele nem pestanejou, fez o cheque. Falei “oba!”. Nazareno tinha indicado o trabalho da Lucia Koch. Procurei na internet. Aí a Lúcia veio fazer uma exposição em Brasília. Nazareno me avisou, aí eu a conheci e pronto. Aquele lá [aponta para uma parede de sua casa] é Lúcia Koch. E assim foi a venda do Goeldi para colecionar exclusivamente arte contemporânea brasileira.

Bianca Tinoco: **Então quando você comprou a Lúcia, você já tinha comprado a Valéria e o Nazareno?**

**Sérgio Carvalho:** A Valéria, o Nazareno, o José Rufino e o Eduardo Frota.

Bianca Tinoco: **Qual foi a primeira obra contemporânea que você comprou?**

**Sérgio Carvalho:** Foi o Nazareno. Vários desenhos.

Bianca Tinoco: **E o que esses desenhos, essa escolha diz de você como colecionador?**

**Sérgio Carvalho:** [risos] Não tenho a menor ideia. Que pergunta! Não sei responder. O que me leva a comprar Farnese [de Andrade]? Uai, é porque eu gosto de Farnese. O critério sempre foi esse, tem que me encher os olhos.

João Angelini: **Já comprou algum trabalho de que não gostou tanto, por uma situação afetiva com o artista?**

**Sérgio Carvalho:** Não. A obra é o único fator para a compra. E o artista. Por isso que eu sempre quero conhecer antes o artista.

João Angelini: **E a situação contrária? Quando a obra é sensacional, mas a personalidade do artista não é tão interessante?**

**Sérgio Carvalho:** Já. Duas vezes.

João Angelini: **Tem algum arrependimento?**

**Sérgio Carvalho:** Pouquíssimos. E que são passíveis de substituição. Você olha na hora e se empolga, é a compulsão. Depois pensa: “não é tão fascinante quanto eu achei”. Mas são duas obras só.

Bianca Tinoco: **Você vende obras?**

**Sérgio Carvalho:** Nunca vendi, a venda dos Goeldis foi a única que fiz. E foi vender para poder comprar outras. Conheci alguns caras de São Paulo e do Rio principalmente, colecionadores que compram, ficam quatro, cinco anos com a obra, depois vendem e ganham a diferença. Eu não estou colecionando para especular. Estou colecionando para tentar um dia, se Deus quiser, o sonho do tal centro cultural.

Bianca Tinoco: **Já doou obras?**

**Sérgio Carvalho:** Não.

Bianca Tinoco: **Pensa em doar?**

**Sérgio Carvalho:** Também não. Uma vez, quase doei para o Museu de Arte do Rio. Paulo [Herkenhoff, então diretor artístico do museu] veio com aquela lábia, “você tem que doar uma para o MAR, estamos formando acervo”, e o Grupo EmpreZa estava lá. Perguntei para os integrantes do EmpreZa se tinham interesse na doação, e eles negaram. Eu dei graças a Deus. Os museus precisam ter uma política sistemática de aquisição. E essa posição de não doar é por causa disso, para a instituição se tocar. Eles precisam ter uma política, uma verba ou inventar algum programa de fomento, algum mecanismo. No nosso museu aqui, o [Wagner] Barja [diretor do Museu da República] tinha uns prêmios aquisitivos: Os artistas ganhavam um edital, eram selecionados por um júri e alguns eram premiados. Era algo simbólico, o artista sabia, mas a participação dele estava imbuída desse espírito de doação para uma instituição, para tornar a obra pública *ad eternum*. Aqui em Brasília durou dois ou três anos, depois parou.

Bianca Tinoco: **Como é seu processo de compra?**

**Sérgio Carvalho:** Preferencialmente, é direto com o artista. Só não acontece dessa forma quando ele solicita que a compra seja direto com a galeria. Eu tenho que conhecer o artista. Isso deve ser defeito meu de fabricação, eu não consigo dissociar o homem da obra. Posso achar linda a obra dele, mas se eu não conhecer quem fez... Se trata de empatia mesmo, quero entender as intenções do autor. Tem pessoas que vão desistir no caminho, as vicissitudes todas. Voltando à pergunta, o que mais me ocorreu foram aquisições diretas com os artistas. Em segundo lugar, com galerias. E em terceiro e último lugar disparado, quase nunca, a aquisição em leilão. Farnese, por exemplo, quando aparece, é em leilão. Há colecionadores muito conhecidos dele e que não querem se desfazer do que têm.

João Angelini: **Farnese é a única exceção de artista que você não conheceu?**

**Sérgio Carvalho:** Não. Nelson Leirner eu conheci pessoalmente, mas não desenvolvi nenhum tipo de proximidade. Nem com o [Daniel] Senise. Já saímos juntos, mas não tenho o celular dele e ele também não tem o meu, como o resto todo dos artistas que coleciono.

Bianca Tinoco: **Suas apostas nos artistas em início de carreira impulsionam muitos deles a continuarem produzindo, especialmente por seu costume de comprar uma quantidade**

**significativa de trabalhos. Sente-se de alguma forma fomentador de uma produção artística voltada para sua coleção?**

**Sérgio Carvalho:** Eu me sinto um felizardo de os ter encontrado logo no início. Se me enche os olhos, eu adquiero. É claro que ao longo do tempo, começa a haver uma sintonia fina. Não compro decoração, *of course*. Se isso impulsiona o artista ou dá força para ele continuar, ótimo. Tomara que tenha ocorrido. Vários já entraram em galerias por indicação minha. Mesmo eu sendo um pouco avesso a galerias, sei que é importante a inserção deles no mercado. Mas não me sinto responsável por eles. Posso contribuir para dar um empurrão, o apoio financeiro ajuda por um tempo. A aquisição também legítima, porque outros colecionadores e curadores sabem que eu compei. Mas não é uma aquisição que vai mantê-lo, ele precisa correr atrás da carreira.

**Bianca Tinoco: Costuma encomendar obras para os artistas?**

**Sérgio Carvalho:** Não. Quer dizer, eu encomendei uma instalação para o Eduardo Frota, no teto da minha casa. José Rufino fez uma instalação na escada e a Sandra Cinto, no palco.

**João Angelini: Mas você compra projetos, muitas vezes a partir do rascunho.**

**Sérgio Carvalho:** É verdade. Dá para pensar nisso como uma forma de incentivo à produção. Já aconteceu também, com um pintor, de eu comprar uma tela e ele me dizer que faria mais três para uma individual em São Paulo. Eu falei “Pode fazer, eu compro todas”. Já ajudei outros caras assim, em troca de obra. Eles não tinham recurso para produzir a própria exposição. Alguns porque não tinham galeria na época. Outros porque, mesmo com galeria, não recebiam apoio.



Fig. 4. Visitantes observam a tela *Trouxas III (Alusivo ao Artur Barrio)*, de Fábio Magalhães, durante a exposição *Contraponto*. Foto: Bianca Tinoco.

Bianca Tinoco: **Você é um dos poucos colecionadores no Brasil a ter adquirido performances. Como foi a experiência de comprar *Tríptico Matera* e *Maleducação*, do Grupo EmpreZa?**

**Sérgio Carvalho:** Como conheço os integrantes do Grupo EmpreZa, todos somos amigos e confiamos plenamente uns nos outros, a compra das duas performances foi realizada, em 2014, mas até hoje não redigimos os contratos. Nossa relação é na camaradagem, de confiança absoluta. Temos conversado muito sobre as condições que precisam estar presentes para garantir a integridade das obras sem criar restrições para futuras apresentações. Eu quero que eles sejam os executores, senão não tem graça. Posteriormente, teremos que discutir como será o tratamento quanto a registros em fotos das apresentações, por exemplo. Vi fotos maravilhosas de *Tríptico Matera* em São Paulo e na Cidade de Goiás. Uma hora, os contratos vão acontecer.

**João Angelini:** Vendemos para o Sérgio não apenas porque ele é sério: foi porque o EmpreZa considera a coleção importante por várias questões, entre elas a de ser uma coleção do Centro-Oeste. A negociação começou quando ele nos convidou para apresentar *Tríptico Matera* no lançamento do catálogo da exposição *Duplo Olhar*, no Paço das Artes, em São Paulo. Eu já estava há um tempo discutindo com o EmpreZa a possibilidade de tensionar alguns lugares institucionais, burocráticos, técnicos, algo que já fazemos com frequência. Quando veio o convite para a performance, propus: “Sérgio, que tal comprar essa performance?”. Daí combinamos que ele divulgaria a compra e veríamos como seria a repercussão. E deixamos para depois a questão documental, de como incorporar efetivamente ao acervo.

**Sérgio Carvalho:** Essa foi a primeira compra. Quanto à *Maleducação*, negociamos na época da exposição Vértice.

Bianca Tinoco: **Quais são as particularidades de se comprar ou vender uma performance?**

**João Angelini:** Desde a proposta de venda, deixamos algumas condições contratuais claras. Toda vez que a performance fosse apresentada, a produção da exposição teria que arcar com o custo dessa apresentação. Existem custos inerentes a uma performance, assim como há custos específicos para transportar uma escultura de três toneladas. Entre os da performance, está o cachê de quem irá executar – que nem sempre será o EmpreZa –, o transporte, a hospedagem, a alimentação. Ao longo desses quatro anos, o EmpreZa elaborou uns três formatos de documento. Usamos como base um contrato de gravadora, porque música também é um produto imaterial que gera produtos materiais resultantes. Chegamos à conclusão de que é preciso descrever, fazer a partitura da performance. Existem performances, como as de Marina Abramovic, que são decupadas em uma partitura fixa e sofrem poucas interferências quando são executadas em outros momentos históricos. No caso de *Tríptico Matera* e *Maleducação*, há um complicador: as duas performances foram criadas como intervenções urbanas e possuem variáveis. Em *Tríptico Matera*, os objetos processados no balde antes de colocar na cabeça mudam de acordo com o momento político: já fizemos com tijolo, esterco, carvão, jornal, giz. A escolha dos alimentos em *Maleducação* também não é determinada, nem a quantidade de pessoas que se alimentam: na primeira execução, havia uma só. Essas variações fazem parecer que são quase trabalhos diferentes, mas essa característica faz parte da maleabilidade dessas obras. Então é preciso prever no contrato quais mudanças podem acontecer.

Bianca Tinoco: **Sérgio, pretende comprar mais performances?**

**Sérgio Carvalho:** Estamos aí, né? [risos] Hoje mesmo vi uma que me chamou atenção.

**João Angelini:** A gente conversa com o Sérgio que o gesto do EmpreZa só ganha projeção histórica se a coleção dele adquirir performances de outras artistas. Ele tem uma coleção de pintura, de vídeo, de foto, pode ter uma de performance. A pergunta é: os artistas querem vender suas performances? Existe uma síndrome de *underground* por parte das pessoas de

performance, que decorre de um pensamento acadêmico, a partir do qual o contato com a esfera comercial estraga a liberdade do artista. Como se a academia fosse um meio livre – e não é.

**Bianca Tinoco: Como é feita a conservação do acervo?**

**Sérgio Carvalho:** Tenho uma museóloga contratada que está trabalhando na catalogação das obras. Ela mobiliza outros profissionais quando há necessidade de restauro de algum trabalho. Só tive o tratamento básico de restauração de dois anos para cá. Antes tratava só de comprar e expor, comprar e expor. Porque essas exposições são necessárias para o processo de institucionalização do acervo. Elas compõem uma espécie de currículo da coleção, me ajudarão a torná-la pública. Tenho essa responsabilidade, que acho que é social, e também esse desejo. Procuo parceiros, porque não tenho condições de arcar simultaneamente com a compra as obras, a conservação, a compra de um lugar, a construção e a manutenção do espaço.

**Bianca Tinoco: Já existe um projeto para esse local de exposição da coleção?**

**Sérgio Carvalho:** Está todo na minha cabeça. Esse ano me impus: quero que esteja pronto até a data do meu aniversário, em julho. Para apresentar o projeto a algum empresário em São Paulo, alguém com muito recurso, terei que levar um projeto com maquete, design 3D, proporcionar a experiência de caminhar por dentro desse suposto espaço maravilhoso, com as obras já instaladas. Se não for assim, não vão me levar a sério. É um grau de detalhamento tão grande que certamente terei que arranjar e conhecer outros parceiros. Topo liberar o acervo inteiro, quero mais é ver todas as paredes branquinhas. Porque aí posso colocar outras [risos]. Quero ver tudo reunido em um lugar que seja um centro de lazer, de pesquisa para curadores, museólogos, estudantes.

**Bianca Tinoco: Em Brasília?**

**Sérgio Carvalho:** Não sei. Acho pouquíssimo provável, porque aqui é tudo muito caro. Calculo que eu precisaria de 10 mil metros quadrados, não estamos falando em nada megalomaniaco. Penso em um espaço para construir dois galpões, de 25 metros de largura por 75 de comprimento. Nos últimos 15 metros, fazer uma cozinha comunitária e alguns quartos, suítes, para promover residências artísticas, de curadores e outros profissionais. O espaço vai ter um curador, a parte expositiva será problema dele. No dia em que isso ocorrer, eu quero saber só de voltar para a minha primeira namorada: a música. Nesse espaço, também quero fazer um anfiteatro como o de pedra da Universidade de Brasília, para música instrumental, com shows e festivais. Esse é o meu sonho.

## Referências

ARRUDA, Tereza de. *Contraponto: coleção Sérgio Carvalho*. Catálogo. Brasília: 4Art Produções Culturais, 2018.

MATTAR, Denise. *Duplo Olhar: um recorte na coleção de Sérgio Carvalho*. São Paulo: Paço das Artes, 2014.

## Notas

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria e História da Arte no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, dedica-se ao estudo do colecionamento de performance no Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Emerson Dionísio. Mestra em Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília (2009), com dissertação sobre performance na Geração 80 do Rio de Janeiro, sob orientação da Prof. Dra. Maria Beatriz de Medeiros. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), atuou nos cadernos culturais do *Jornal do Commercio* (2001-2005) e do *Jornal do Brasil* (2005-2006). E-mail: [biancatinoco@gmail.com](mailto:biancatinoco@gmail.com).

<sup>2</sup> Artista plástico e pesquisador. Graduiu-se em artes plásticas na Universidade de Brasília e realiza pesquisas artísticas que o levam a produzir fotografias, vídeos, animações, gravuras, performances e brinquedos. É ainda membro do Grupo EmpreZa (Goiânia) desde 2008 e co-fundador do coletivo TresPe de Brasília, ambos com o foco em performance. Expôs seu trabalho em diversas instituições e recebeu prêmios como o do festival Anima Mundi (Júri Popular/SP - 2009), da Bolsa Funarte de Produção (2010), da Arte Pará (2012). E-mail: [joao.angelini@gmail.com](mailto:joao.angelini@gmail.com).

<sup>3</sup> Segunda faixa do álbum musical homônimo. EMI Brasil, 1981.

<sup>4</sup> É bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (1983). Advogado inscrito na OAB/DF. Integrou o Corpo Jurídico da Rede Ferroviária Federal e a Consultoria Jurídica do Ministério do Planejamento. Foi Assessor de Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Pianista e produtor musical. Colecionador de arte contemporânea.

<sup>5</sup> Integraram a seleção Antônio Obá, Bena Reale, Bruno Vilela, Camila Soato, César Meneghetti, Daniel Murgel, Delson Uchôa, Ding Musa, Elder Rocha, Emmanuel Nassar, Fábio Baroli, Flávia Junqueira, Flávio Cerqueira, Floriano Romano, Gil Vicente, Gisele Camargo, Grupo EmpreZa, Hildebrando de Castro, James Kudo, João Angelini, José Rufino, Laura Gorski, Lúcia Koch, Manoel Veiga, Marcelo Silveira, Milton Marques, Nelson Leirner, Renato Valle, Rochelle Costi, Rodrigo Braga, Sofia Borges, Thaís Helt e Tony Camargo.

<sup>6</sup> Em 10 de setembro de 2017, a coletiva *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, com 270 trabalhos de 90 artistas, foi encerrada antes do prazo pelo Santander Cultural, em Porto Alegre, devido a manifestações de intolerância e à alegação de inadequação de seu conteúdo ao público infantil. Menos de um mês mais tarde, o performer Wagner Schwartz passou a ser execrado nas redes sociais e foi investigado pelo Ministério Público de São Paulo por acusação de pedofilia depois que uma criança interagiu com seu corpo nu durante uma apresentação da performance *La Bête*, na inauguração do 35º Panorama da Arte Brasileira, em 29 de setembro de 2017 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Mais informações: G1. "Artistas e políticos se manifestam sobre a exposição 'Queermuseu'". Publicada em: 14 out. 2017. In: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/artistas-e-politicos-se-manifestam-sobre-a-exposicao-queermuseu.ghtml>. Último acesso: 14 mai. 2018.

<sup>7</sup> Foram 10.173 assinaturas na petição "Para o cancelamento da Exposição 'Contraponto', se vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso", disponível desde 17 de novembro de 2017 no sítio CitizenGo por iniciativa de Hermes Rodrigues Nery, Coordenador do Movimento Legislação e Vida. Link da petição: <http://citizengo.org/pt-br/116073-para-o-cancelamento-da-exposicao-contraponto-por-vilipendiar-publicamente-ato-ou-objeto-culto?tc=wp&tcid=43056185>. Último acesso: 14.mai.2018.

<sup>8</sup> Entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2018, em Brasília – DF.

<sup>9</sup> À época da entrevista, João Angelini integrava o coletivo. Agradecemos também as perguntas e a colaboração técnica da professora e museóloga Anna Paula da Silva, doutoranda em Teoria e História da Arte na Universidade de Brasília, e de Juliana Caetano, museóloga e mestranda em Ciência da Informação na Universidade de Brasília.

Entrevista enviada em maio de 2018. Aprovada em agosto de 2018.